

O PRÍNCIPE

SANTIAGO DO CHILE, setembro — Várias escolas, no Chile, homenagearam o Brasil nas vésperas do 7 de Setembro, mas só fui a uma, a Escola Brasil de Santiago. A meninada enchia um salão imenso, e o embaixador foi recebido com palmas. O hinos foram cantados, e me senti vagamente no colégio de Dona Palmyra, em Cachoeiro (desculpem o y no lugar do i, mas não tenho jeito de escrever diferente o nome da velha professora do Centro Operário, seria uma falta de respeito) depois um menino recitou um poema de Ronald de Carvalho enquanto outro ia mostrando paisagens de ingênuo colorido que ilustravam o texto, e afinal se anunciou a dramatização do I-Juca-Pirama. Os guerreiros vieram de calções de banho, enfeitados com uma fatura de penas e colares, o prisioneiro chorou a sorte de seu pai, o velho disse meu filho não és e rimou isso com vis aimorés. Depois o pau comeu e felizmente ganhamos a guerra contra os bárbaros; alguns dos guerreiros para dizer a verdade, riram um pouco durante o desenrolar da pugna. Foi recitado então o poema de uma senhora chilena sobre a Baía de Guanabara (a favor) e passamos à dramatização do Grito do Ipiranga. Como o palco era um tanto estreito para comportar cavalos, a coisa foi feita mesmo a pé, e vários soldados brasileiros devidamente uniformizados de bombeiros húngaros recitaram versos, enquanto o príncipe permanecia de costas para a platéia. Os versos diziam que Portugal queria voltar a escravizar o Brasil, xingavam as Côrtes de Lisboa, e um deles avançava que “a situação econômica é péssima”, o que pareceu uma concessão ao materialismo histórico. Mas chegou um portador vestido de escoteiro com uma pasta escolar debaixo do braço. Fêz uma grande curvatura e entregou-a a um ajudante de ordens do Príncipe, que continuava de costas. O ajudante abriu a pasta, tirou uns papéis de lá e os passou ao Príncipe. Este correu os olhos um segundo pelo que estava escrito, voltou-se para nós, desembainhou a espada, e gritou “Independência ou Morte!”. Devo confessar que reconheci no Príncipe um “vil aimoré” do quadro anterior, mas isso não me impediu de sentir um arrepio patriótico pela nuca e um leve apêto emocionado na garganta. E meu pobre coração bateu mais depressa, como no tempo do colégio de dona Palmyra, às margens do Ipiranga, digo, do Itapemirim.

17/9/55

R. B.

324